III SEMINÁRIO DO NECAF E I ENCONTRO DOS EGRESSOS DO GEPEC

VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Beatriz de Cássia Crispim Veras[1]
Osmarina Guimarães de Lima[2]

Apresentamos o relato de pesquisa/extensão, do programa Escola de Egressos, da Universidade do Estado do Amazonas, voltada à formação docente em espaços não escolares e ao ensino de matemática para jovens e adultos em processo de reabilitação da dependência química. O referido programa busca romper com a visão tradicional de que o ensino matemático deve ocorrer exclusivamente em ambientes escolares formais, destacando que, em contextos socioeducacionais, a matemática se transforma em ferramenta de reinserção social, construção de autonomia, desenvolvimento do pensamento crítico e fortalecimento da identidade do sujeito. Assim, a prática docente assume maior complexidade, pois exige do professor a habilidade de mediar aprendizagens considerando aspectos emocionais, sociais e humanos que atravessam a história de cada um. Objetivou-se aplicar atividades de geometria, alinhadas aos princípios da educação inclusiva, promovendo o desenvolvimento matemático e humano dos participantes, ao mesmo tempo em que refletimos nossa construção profissional. As atividades foram aplicadas na Secretaria de Estado da Assistência Social, em Manaus e em uma comunidade terapêutica, em Iranduba/Am. O planejamento envolveu reuniões remotas e presenciais para estudo teórico, definição dos conteúdos e elaboração de materiais, priorizando metodologias ativas e o uso de recursos simples para a construção dos sólidos geométricos. Os dados da pesquisa foram recolhidos por meio de observação, da interação com os alunos e das apresentações discentes no final de cada encontro, onde eles relacionavam estudo e trajetória de reabilitação. Os resultados evidenciaram que o ensino da matemática em contextos sociais diferenciados exige uma postura docente sensível às realidades individuais dos educandos, revelando que a aprendizagem extrapola os conceitos formais. Superou-se as dificuldades iniciais de aprendizagem com o replanejamento, aplicando-se atividades de modelagem e exploração dos sólidos geométricos, incentivando o engajamento e construção de sentidos, ao estabelecerem conexões simbólicas entre os elementos matemáticos e aspectos da vida. Bases de prismas, por exemplo, foram associadas à família como alicerce da reabilitação, enquanto a queda acidental de construções feitas com palitos suscitou reflexões sobre recaídas, mostrando como o conhecimento matemático pode se tornar mediador de diálogos sobre superação e autoconhecimento. Por fim, compreendeu-se que a matemática em ambientes socioeducativos atua para além da escolarização, colaborando para a autoestima, reinserção comunitária e retomada de projetos de vida. Especialmente com pessoas que viveram processos de exclusão educacional. Por fim, a experiência foi formativa tanto para os alunos quanto para o professor em formação, destacando-se a importância do trabalho docente em espaços não escolares, reforçando a necessidade de ampliar estudos e práticas sobre educação matemática inclusiva em contextos amazônicos.

[1] Licenciatura em matemática, da Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1283113608025769 E-mail: bdccv.mat22@uea.edu.br
[2] Doutora em educação, docente da Universidade do Estado do Amazonas, coordenadora do Programa Escola de Egressos. E-mail: oglima@uea.edu.br

Palavras-chave: Educação inclusiva; Formação docente; Matemática; Extensão; Educação de Jovens e Adultos.